

Os articuladores dialógico-discursivos: uma apresentação

Dialogical-discursive articulators: a presentation

Luiz Mendes¹

RESUMO

Este artigo objetiva apresentar o conceito de *articuladores dialógico-discursivos* como indícios que, manifestos na superfície textual, permitem acessar vozes sociais – posicionamentos de sujeitos. Baseados em Mendes (2023), delimitamos três conceitos, próximos de uma abordagem bakhtiniana, a saber: *gêneros do discurso*, *tema/conteúdo temático* e *vozes sociais*. As três conceituações são basilares da definição proposta e, para demonstrar a funcionalidade de tais articuladores, são analisados três textos, um do gênero *tira/tirinha*, outro do gênero *reportagem* e um terceiro, do gênero *conto*, mais especificamente “A Igreja do Diabo”, de Machado de Assis. A análise deste último texto mereceu destaque pela complexidade requerida. De modo geral, esses articuladores, para além de estabelecerem elos na cadeia coesiva do texto, podem desvelar os movimentos intersubjetivos no processo de materialização dos temas relevantes em um dado contexto socioideológico.

Palavras-chave: Gêneros do discurso. Vozes sociais. Articuladores dialógico-discursivos.

ABSTRACT

This article aims to present the concept of *dialogical-discursive articulators* as signs that, which manifested on the textual surface, allow access to social voices – subject positions. Based on Mendes (2023), we delimit three concepts close to a Bakhtinian approach, namely: *speech genres*, *theme/thematic content* and *social voices*. The three conceptualizations are basic to the proposed definition to demonstrate the functionality of such articulators, three texts are analyzed, one from the comic strip genre, another from the reportage genre and a third, from the short story genre, more specifically “A Igreja do Diabo”, by Machado de Assis. The analysis of this last text was highlighted due to the complexity required. In general, these articulators, in addition to establishing links in the cohesive chain of the text, can reveal intersubjective movements in the process of materializing relevant themes in a given socio-ideological context.

Keywords: Discursive genres. Social voices. Dialogical-discursive articulators.

¹ Docente do Centro Universitário do Distrito Federal (UDF). Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Brasília/DF, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4427-376X>. E-mail: luizedumb@yahoo.com.br.

1 INTRODUÇÃO

As relações que se dão na superfície textual se tornaram objeto de intensas investigações dos estudos linguísticos, especialmente aqueles que, como a Linguística Textual, tomam o texto como ponto de partida e chegada de suas pesquisas. Dentre as várias contribuições que nos foram legadas, estão aquelas que nos permitiram deslocar a atenção das relações interfrásticas – com atenção à coordenação/subordinação entre orações – para as que nos fazem ver progressão informacional da tessitura textual. Passou-se, nesse sentido, a buscar compreender como as informações extrapolam as relações gramaticais efetuadas no nível oracional e alcançam porções maiores do texto, sejam parágrafos, estrofes, entre outros.

No entanto, a nosso ver, o estudo dessas relações que se explicitam no encadeamento de ideias no texto não se esgota aí. Se a máxima saussuriana do ponto de vista que cria o objeto ainda pode ser validada (e acreditamos que possa), devemos reconhecer que tais elos responsáveis por estabelecer conexões na superfície textual ainda podem/devem ser (re)vistos de uma forma bem peculiar. Nesse caminho, o presente artigo pretende olhar para o texto/discurso buscando ver como os locutores (sujeitos), por meio de certos *mecanismos*, articulam diferentes vozes sociais (Mendes, 2023) na constituição de posicionamentos. Tais *mecanismos* estão aqui definidos como *articuladores dialógico-discursivos* que funcionam como indícios, marcas, *links* desse jogo intersubjetivo. Basicamente, isso reforça o fato de que os recursos linguísticos (ou textuais) não podem ser tomados de modo artificial, como se dispostos em arquivos encaixotados aos quais recorreremos sempre que pretendemos comunicar.

Para apresentarmos o conceito, analisaremos três textos pertencentes aos gêneros tira/tirinha, reportagem e conto. Em relação ao último, escolhemos “A Igreja do Diabo”, de Machado de Assis, e, dada a complexidade que este texto nos impõe, no processo analítico, o destacamos da análise dos outros dois textos.

2 RECURSOS LINGUÍSTICOS COMO INDÍCIOS DE SENTIDO NA MALHA TEXTUAL

Carlo Ginzburg (2016), ao lançar a ideia de *paradigma indiciário*, concede à Linguística estatuto de ciência moderna que consegue romper com formas modelares do fazer científico de base galileana, em que o objeto de investigação aponta necessariamente para a quantificação como caminho mais seguro e confiável de descrição e obtenção de resultados a partir de fenômenos observáveis. De modo geral, o autor argumenta que os *sinais*, ou *indícios*, como a denominação do paradigma evoca, são pistas que permitem acessar zonas mais complexas da realidade.

Dito de outra forma, são como *links*, no sentido de ser possível acessar conteúdos a partir de um simples “clique” em uma palavra ou expressão, por exemplo. O próprio autor percorre diferentes áreas a fim de mostrar em que medida os objetos, aparentemente insignificantes, desvelam “uma realidade mais profunda, de outra forma inatingível. Pistas: mais precisamente, sintomas (no caso de Freud), indícios (no caso de Sherlock Holmes), signos pictóricos (no caso de Morelli)” (Ginzburg, 2016, p. 150). De Sherlock Holmes a Freud, o autor destaca como as pistas, no caso do detetive, e os sintomas, no caso deste psicanalista, rompem com as medidas quantitativas de alcance do real.

Mas em que medida a Linguística iria de encontro a uma tradição científica que toma o racionalismo iluminista (e positivista) como base para a explicação desses mesmos fenômenos? A Linguística Moderna se funda a partir da ideia saussuriana de sistema, compreendido amplamente a partir das relações entre os signos linguísticos, considerando que tais relações se dão por semelhança, mas, sobretudo, por diferenças. Em certa medida, Saussure nos mostrava que um elemento do sistema, ao ser estudado, permitiria a compreensão de todo o sistema, o que atesta o fato de a Linguística poder entrar para o rol de disciplinas exemplares do modelo indiciário de Ginzburg. Émile Benveniste (2005), que poucos anos depois investe esforços em afastar a ideia de que a língua seria um objeto estático e insiste na intersecção cultura-língua-homem, confirma essa característica econômica – indiciária – do objeto língua: “a palavra expõe o acontecimento, cada vez o mundo recomeça. Nenhum poder se igualará jamais a esse, que *faz tanto com tão pouco*” (Benveniste, 2005, p. 31, grifos nossos).

No campo dos estudos linguísticos, além desse recorte enunciativo, interessa-nos também um breve retorno ao funcionamento textual da língua, amplamente investigado pela Linguística de Texto. No (e por meio do) material textual, as marcas linguísticas alçam novo estatuto na tessitura significativa do arranjo verbal e produzem dois movimentos centrais: ou retomam termos/expressões e conteúdos ao longo do texto – a *coesão referencial* – ou encadeiam sequências para garantir a progressão informacional do texto – a *coesão sequencial*. Ingedore Koch (1992), já no início da divulgação dos estudos do texto no Brasil, propõe essa bipartição da noção de coesão textual e, sem abandoná-la ao longo de seus anos de pesquisa, amplia a ideia em estudos posteriores.

No caso da coesão referencial, a partir de uma intensa revisão do conceito de *referente*, nomeado como *objeto de discurso*, a autora chega à noção de *referenciação*, enxergando esse recurso de um ponto de vista sociocognitivo. Nesse sentido, leva-se em conta o processamento textual, em que tais referentes são constantemente (re)atualizados pelos locutores, e não tomados de modo estanque (cf. Koch, 2004a, e Koch e Marcuschi, 1998). Já no que diz respeito à coesão sequencial, para além de uma classificação em conectores lógico-semânticos ou discursivo-argumentativos, em Koch (2004a), há o acréscimo dos articuladores *metadiscursivos*, definidos como aqueles que “servem para introduzir comentários” (Koch, 2004a, p. 135). Neste grupo estão, dentre outros, os modalizadores, delimitadores/orientadores de sentido que os locutores imprimem no texto.

A título de exemplo, observemos o uso do conector “mas” no texto (do gênero tira/tirinha) a seguir:

Figura 1: Tirinha do Armandinho



Fonte: Facebook²

² Disponível em: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho>. Acesso em: 17/05/2024.

Da perspectiva textual mencionada anteriormente, esse “mas” usado no último quadrinho é um conector/articulador³ disjuntivo-argumentativo por expressar um movimento de oposição ao que foi dito antes. Por sua vez, tal oposição presente na fala do personagem Armandinho, um menino questionador, opera no sentido de desviar-se do ponto de vista lido no livro da escola, colaborando com a progressão informacional e, conseqüentemente, com a construção irônica do texto.

De modo geral, esse é o cerne de uma análise que considera o funcionamento textual da perspectiva da Linguística Textual, sintetizada acima. Uma perspectiva, que dialoga diretamente com esta, merece ainda destaque, dada a ancoragem teórico-metodológica que, em certa medida, colaborou com as reflexões sobre o conceito que pretendemos apresentar aqui. Trata dos estudos desses mecanismos coesivos a partir da interface texto/enunciação. Ingedore Koch (2004b) se utiliza das considerações de Oswald Ducrot, que fomentou pesquisas sobre o que se conhece por *semântica argumentativa*, para ampliar suas considerações sobre os efeitos que os conectores, sob a denominação *operadores argumentativos*, exercem na progressão textual (cf. Koch, 2004b). Em semelhante perspectiva, o semanticista Eduardo Guimarães (2002) realiza um estudo ainda mais detalhado das conjunções⁴ do português, a fim de mostrar efeitos da ação dos locutores na continuidade do texto. Sobre a noção de orientação argumentativa, diz o autor:

Orientar argumentativamente com um enunciado X é apresentar seu conteúdo A como devendo conduzir o interlocutor a concluir C (também um conteúdo). Ou seja, orientar argumentativamente é dar A como uma razão para se crer em C (Ascombre e Ducrot, 1976, p.13). Neste sentido, orientar argumentativamente é apresentar A como sendo o que se considera como devendo fazer o interlocutor concluir C. O que leva à conclusão é o próprio A. Ou seja, é tomado como uma regularidade do sentido do enunciado a representação de sua enunciação como orientada argumentativamente (Guimarães, 2002, p. 25).

No caso do conector “mas”, por exemplo, o autor mostra, com base nos estudos da semântica argumentativa, dois tipos de funcionamento desse operador, demonstrados em exemplos como: “Ela não é nadadora mas atleta” – *masSN* – e “Paulo era mais adequado para o cargo mas não foi escolhido” – *masPA* – (Guimarães, 2002, p. 61). O primeiro não tem função argumentativa, apenas serve como retificação de algo dito antes. Já no segundo caso, o “mas” articula ideias contrárias em favor de uma nova conclusão. Koch (2004b) registra esta ação do “mas” como um jogo polifônico no sentido de haver um “choque” de opiniões de locutores.

Com base nesses autores, especialmente em relação ao viés enunciativo de da semântica argumentativa, é possível interpretar a encadeamento produzido pelo “mas” na tirinha acima da seguinte forma:

A: “Brasil deixa de ser colônia de Portugal”
 Conclusão R: o país se torna independente de Portugal.
 B: “Mas era só de Portugal?”
 Conclusão não-R (~R): O país não foi independente apenas de Portugal.

³ Em Koch (2004a), os termos conector e articulador são intercambiáveis.

⁴ Os termos *conjunção*, *conector* ou *operador argumentativo* aqui seguem as denominações dadas pelos autores citados. De toda forma, Koch (1992, 2004a, 2004b) incorpora esses recursos no desenvolvimento de seus estudos no campo da Linguística de Texto, a fim de otimizar a conceituação de coesão textual. Por isso, resguardadas as definições mais pontuais de cada lugar teórico, na interface texto e enunciação os termos *conjunção* e *operador argumentativo* podem ser subsumidos pelo termo *conector* ou *articulador textual*.

De modo que \bar{R} representa o ponto de vista expresso pelo personagem principal da tirinha, Armandinho. É nesse sentido que se fala então em progressão textual, já que o conector “mas” marca uma orientação para uma nova conclusão (\bar{R}).

Tanto os estudos textuais quanto os estudos enunciativos nos permitiram reflexões importantes no que concerne ao funcionamento das marcas linguísticas na tessitura textual, além de nos permitirem compreender melhor os direcionamentos argumentativos dos locutores nos processos comunicativos.

Contudo, quando buscamos alçar um viés mais discursivo das análises de um exemplar de texto (como o que aqui neste artigo buscamos), percebemos algumas restrições dos modelos analíticos descritos nos parágrafos anteriores. Aliás, autores como Possenti (2009a) já nos adiantaram algumas dessas restrições, como a que diz respeito à problemática separação que Oswald Ducrot faz, no desenvolvimento de sua semântica argumentativa, dos dois tipos de “mas”, afirmando que apenas o uso do “mas” em enunciados que evidenciam dois pontos de vista é que pode ser considerado verdadeiramente argumentativo. A depender das condições de produção, um enunciado do tipo “Ela não é nadadora mas atleta” não poderia ser dito por algum sujeito que intentasse contrariar alguma opinião em favor de outras conclusões? Além disso, o autor criticado por Possenti, ao falar em polifonia, afirma estar fazendo referência a Bakhtin, mas limita suas análises a enunciados isolados de um contexto socioideológico mais amplo, o que, certamente, rarefaz a ideia de vozes sociais, como aquela que aqui concebemos. Sobre a apropriação nos estudos ducrotianos do conceito de polifonia, Possenti (2009a, p. 146) conclui:

Entendo que o conceito de polifonia de Ducrot é um caso de apropriação (explicitamente assumida, aliás). Como tal, implica alguma alteração”, seja na forma de extensão (a outro campo, outros domínios), seja na forma de uma inflexão específica (o que pode implicar restrição ou ampliação de sentido).

Essas mesmas reflexões podem ser feitas em relação aos estudos do texto quando estes se firmam apenas na descrição do funcionamento textual em termos de progressão da informação, sem levar em conta as *condições de produção discursiva dos sujeitos envolvidos em contextos socioideológicos*.

Considerar tais condições significa dizer que os enunciados explícitos na superfície textual são apenas o ponto de partida para acessar outros enunciados produzidos sob tais condições. E é a partir desta reflexão que as pistas, os indiciamentos, que vão se mostrando ao longo do texto, alçam outros lugares de sentido. Mas que lugares seriam esses? Podem ser variados e explicados sob diferentes pontos de vista, mas neste artigo estamos nos referindo a um lugar específico: o “*locus*” do encontro dos sujeitos, que *habitam a linguagem*, para usar uma metáfora heideggeriana. Com efeito, é este o lugar – *topos* – do encontro das diferentes vozes sociais e os *articuladores dialógico-discursivos* podem constituir o *link* de acesso a esse *topos*.

3 TRÊS CONCEITOS-BASE DA CONSTRUÇÃO DA NOÇÃO DE ARTICULAÇÃO DIALÓGICO-DISCURSIVA

É importante reiterar que a noção aqui apresentada tem como *ponto de partida* o reconhecimento do diálogo operado com os estudos do texto e com os estudos enunciativos. Não se trata, como já se deve ter percebido, da construção de um contra-argumento que desconsidere tais contribuições, mas de uma perspectiva que visa a trazer

para o debate outras contribuições, mais especificamente, aquelas de ordem dialógica e discursiva.

Do que foi dito até aqui, dois aspectos podem ser, de algum modo, incorporados ao conceito que estamos desenvolvendo, a saber: i) textualmente, os *articuladores dialógico-discursivos* se revelam na superfície textual e ii) enunciativamente, são marcas que (re)orientam conteúdos/dizeres. Cabe-nos, a partir de então, elucidar melhor o conceito.

De saída, afirmamos que *tais articuladores só podem funcionar sob condições de produção socioideologicamente*⁵ definidas e, embora partilhemos de uma perspectiva dialógica, bakhtiniana, a materialidade textual-discursiva não deixa de ser central. Por essa razão, estamos falando de um retorno a Bakhtin de modo *espiral*, isto é, não só retomando/aproximando, mas também distanciando, conforme as necessidades teóricas e metodológicas.

Nessa direção, três conceitos ganham proeminência na delimitação de atuação desses *articuladores*, a saber: a conceituação de *gênero do discurso* associada à ideia de *esfera social*; a noção de *tema/conteúdo temático* e a noção de *vozes sociais*. Particularmente este último conceito foi ressignificado e ampliado em Mendes (2023).

Para definir o primeiro conceito, gêneros do discurso, não desconsideramos Bakhtin (2016), mas, pelo fato de aqui buscarmos uma perspectiva conceitual mais próxima da noção de *contexto socioideológico*, demos atenção especial ao texto de Volóchinov:

O ideológico em si não pode ser explicado a partir de raízes animais, sejam elas pré- ou supra-humanas. Seu verdadeiro lugar na existência está em um material sógnico específico, que é social, isto é, criado pelo homem. A sua especificidade está justamente no fato de que ele existe entre indivíduos organizados, de que representa o seu meio e serve como médium para a comunicação entre eles (Volóchinov, 2017, p. 96).

Como se pode depreender dessa citação, não é possível dissociar a noção de *gênero das condições de produção* que o engendram. Tais condições somente são deduzidas a partir de *esferas/campos de atuação* e sua constituição é necessariamente ideológica. Ideologia, como se infere da citação de Valentin Volóchinov, pressupõe o trabalho com o material sógnico, o que significa dizer que há um trabalho intersubjetivo com as *formas de dizer*, os gêneros do discurso. Há, nessas formas, “reflexos” da realidade, mas, sobretudo, *refrações, reacentuações* da palavra, do *referente* no mundo. Há, por assim dizer, um modo de responder ao *outro* (sujeito) e, claro, ao *Outro*, aquele simbolizado nas/pelas coerções sociais. Esse é, pois, o trabalho ideológico da palavra; isso é *refração*.

Essas considerações são, por certo, fundamento do conceito de *gênero*, exposto mais ordenadamente, ainda que em tom/forma de ensaio, por Bakhtin (2016). Vale dizer que o romance polifônico de Dostoievski, e mesmo o romance de outros autores russos investigados por Mikhail Bakhtin, como Ivan Turguêniev, situam-se em um entrelugar de embate de forças – centrípetas e centrífugas –, representadas, por exemplo, por visões de mundo mais tradicionais, aristocrática, de uma Rússia czarista, de um lado, e a visão de mundo racionalista (científica) e burguesa emergente na virada do século XIX para o XX.

Há, portanto, um complexo (re)arranjo entre as “formas discursivas” e a (re)acentuação valorativa, a tonalidade, da palavra no interior de esferas historicamente constituídas. Estamos falando aqui no segundo conceito-base que estamos descrevendo, o conceito de *tema/conteúdo temático*. O tema, nesse sentido, é um *modo de dizer* sob

⁵ O termo socioideológico foi apropriado, com adequações, do Círculo de Bakhtin, principalmente de Volóchinov (2017).

determinadas *condições históricas*; nas palavras de Volóchinov (2017, p. 109, grifo nosso), “cada época e cada grupo social possui seu próprio repertório de formas discursivas [...], cada gênero discursivo cotidiano possui seu próprio conjunto de *temas*”.

Dessa forma, não se trata apenas de tema no sentido de progressão informacional do texto, mas de uma resposta do signo verbal às demandas de uma época. Assim, o romance polifônico, enquanto forma e revestido de um conteúdo temático próprio (o embate de visões de mundo dos sujeitos da época), encontrou seu tempo e seu lugar (cronotopo).

Forma e conteúdo não podem ser concebidos apenas como efeito das condições de produção discursiva; não são pressionados pela esfera social como se esta agisse externamente e servisse de único balizamento do movimento dos gêneros. Pelo contrário, o movimento socioideológico tem como ponto de partida e de chegada os gêneros, justamente porque estes se dão apenas em um processo *alteritário* (de alteridade) de relação intersubjetiva, de sujeitos interactantes (que *agem*).

Courtine (2022, p. 48) já denuncia a externalidade do conceito de social/condições de produção dos discursos nos estudos da linguagem, como se as relações sociais não se dessem prioritariamente de modo intersubjetivo: “a Linguística, por sua vez, para a qual faz falta uma ‘teoria do sujeito da situação’, ou seja, das CP do discurso, invoca as disciplinas psicológicas e sociais” (lê-se CP: Condições de Produção).

Nesse caminho, partindo de discussões feitas em autores como Possenti (2009b) e Sobral (2017), buscamos em Mendes (2023) reforçar que o social não age coercivamente sobre o sujeito, apassivando-o plenamente, nem é um efeito da vontade plena desse mesmo sujeito. Na verdade, não há dissociação sujeito/história, antes tem-se uma relação dialógica que implica uma *responsabilidade*⁶:

[...] a *responsabilidade* como característica do agir do sujeito possibilita-nos vislumbrar sujeitos em movimento, “criativos”, que se inscrevem e assinam o ato sempre e necessariamente sob condições da relação com o *outro* – alteridade – e com a historicidade que lhe constitui (Mendes, 2023, p. 50).

Embora na definição bakhtiniana de dialogismo a relação eu-outro, a “alternância dos sujeitos” (Bakhtin, 2016), ganhe centralidade, o Círculo não tinha um projeto de construção de um conceito orgânico de *sujeito* (e entendemos que nem era este o foco). De acordo com Alastair Renfrew, o caminho tomado por Bakhtin foi a problematização da relação autor e herói no romance que, em alguma instância, trata de uma relação intersubjetiva:

Bakhtin não está de todo confortável como os termos que usamos para caracterizar a significação mais ampla de sua obra inicial, “eu” e “outro”. Nem “sujeito-objeto”, nem “eu-outro” facilitam o salto para além da observação da vida necessária ao desenvolvimento do programa bakhtiniano; isso vai requerer uma concentração na relação entre um “autor” e um “herói” (Renfrew, 2017, p. 65).

Trazer a relação intersubjetiva concreta⁷ como princípio motor da concretização das condições socioideológicas de realização do discurso nos leva diretamente ao terceiro conceito-base da articulação dialógico-discursiva: a noção de *vozes sociais*. O

⁶ O termo *responsabilidade* foi, muito apropriadamente, cunhado por Sobral (2017), que, partindo da concepção dialógica bakhtiniana, propõe a aglutinação dos termos *ato-responsivo*, constitutivo da relação eu-outro, e *ato-responsável*, que remete ao mundo ético dos sujeitos da interação concreta.

⁷ O uso do adjetivo “concreta” pelo Círculo para referir à *interação social* foi um movimento de Bakhtin, Volóchinov e outros no sentido de romper com concepções abstratas de *social* e de *ideologia*.

dialogismo pressupõe necessariamente o jogo de vozes de sujeitos posicionados na esfera social. Para elaborarmos esse conceito (Mendes, 2023), partimos da ideia de *heterodiscurso* – discurso do/para o outro – desenvolvido pelo autor russo a partir de suas considerações sobre o romance: “O romance é um heterodiscurso social artisticamente organizado, às vezes uma diversidade de linguagens e uma dissonância individual” (Bakhtin, 2015, p. 63).

No gênero do discurso, portanto, a arquitetura de vozes em debate/embate, concordância/discordância, materializa os temas-tendências de uma época a partir do posicionamento dos sujeitos na interação discursiva. Vejamos um exemplo de análise desse jogo heterodiscursivo feita por Bakhtin que toma o seguinte trecho do romance “Pais e filhos”, de Turguêniev:

“Pável Pietróvich sentou-se à mesa. Usava um elegante terno matinal em estilo inglês: vermelhava em sua cabeça um pequeno fez. Esse fez e uma gravatinha arrumada com negligência insinuavam a liberdade da vida no campo; mas o duro colarinho da camisa, verdade que não branca mas listrada como é praxe para a toalete matinal, cutucava de modo habitualmente impiedoso o queixo barbeado” (Bakhtin, 2015, p. 103, grifos do autor).

Nesse romance, temos Nikolai Pietróvich, homem do campo e voz representante de uma Rússia czarista em decadência, e seu filho, jovem que retorna de seus estudos de medicina e traz consigo ideias de um mundo emergente, introduzindo um importante conflito de gerações. Na cena citada, Pável Pietrovich, o irmão de Nikolai, também representante de um discurso mais tradicional, está sentado à mesa no café da manhã. Bakhtin nos mostra no trecho um tom carnavalesco, no sentido de haver, na voz do narrador, um rebaixamento do estilo aristocrático. Isso, porque a narração traz, por exemplo, elementos da vestimenta do personagem ironicamente descritos, como em “gravatinha arrumada com negligência”. Para o autor, há nessa cena um claro embate de visões de mundo em choque (um ponto de vista aristocrático, de uma Rússia rural/oligárquica, *versus* um ponto de vista emergente, ligado ao espírito racional científico da virada do século).

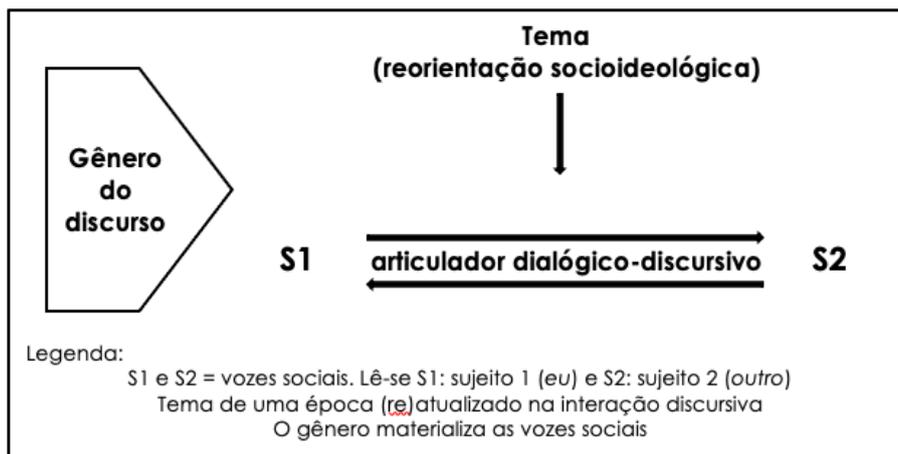
Sem desconsiderar essa e outras reflexões importantes de Bakhtin, para nós, neste artigo, merece atenção central o uso do mecanismo “mas” em “mas o duro colarinho...”. Ao usar esse recurso, concede-se proeminência à voz que se opõe ao homem tradicional, com ares aristocráticos. Dizemos, em concordância com ponderações que fizemos em Mendes (2023), que o articulador “mas” é um *articulador dialógico-discursivo*, porque não apenas estabelece um contraste de ideias, como também reforça o tom de ironia (ridicularização) ao estilo *gentleman* da sociedade tradicional russa. Por sua vez, essa marca traz para a linha de frente a (orientação) *temática* da relação pais e filhos, atravessada pelo conflito de gerações em uma Rússia em transformação, isto é, pelo embate de posicionamentos, de vozes *sociais*. E tudo isso atualizado no *tempo* e no *espaço*, o cronotopo, emoldurado pelo gênero romance.

Interessante notar como, no mesmo trecho, há o uso de outro “mas” em “verdade que não branca mas listrada como é praxe”. Entretanto, aqui esse conector que não pode ser tomado como um articulador dialógico-discursivo, justamente por não marcar o mesmo jogo de rebaixamento e proeminência de vozes visto antes.

Em suma, os articuladores dialógico-discursivos operam no entrelaçamento de vozes *sociais* que estão necessariamente engajadas em um *tema* em debate (ou embate)

na época e que, por sua vez, somente pode ser concretizado por meio de gêneros do discurso. É o que sintetizamos no esquema a seguir:

Quadro 1: Esquema da articulação dialógico-discursiva⁸⁹



Fonte: Elaboração própria do autor

4 O FUNCIONAMENTO DOS ARTICULADORES DIALÓGICO-DISCURSIVOS

Antes de iniciarmos as análises, é importante reforçar que a identificação de um articulador dialógico-discursivo passa, necessariamente, pela delimitação dos três conceitos-base descritos anteriormente: i) a *orientação temática* socioideologicamente situada; ii) as vozes (sociais), que fazem emergir posicionamentos, e iii) os *gêneros do discurso*, que emolduram tais temas e tais vozes.

Voltemos, portanto, ao exemplo da tirinha de Armandinho, exposta no início deste artigo. No último quadrinho, consta o seguinte enunciado proferido pelo personagem: “Mas era só de Portugal?”. Além de reorientar argumentativamente e encerrar ironicamente a tirinha, consideramos o funcionamento do conector “mas” como um articulador dialógico-discursivo pelos motivos que apresentamos a seguir.

Da perspectiva da elaboração temática, a tira, lançada em 2017, coincide com o início de debates sobre o bicentenário da independência do Brasil, promovidos especialmente pelo Congresso Nacional e pelas discussões em busca de (re)orientar interpretações históricas a respeito do tema. Na elaboração multimodal da tirinha em questão, temos o personagem Armandinho em um contexto escolar, lendo no livro didático duas informações distribuídas nos dois primeiros quadrinhos. No quadrinho 1: “7 de setembro de 1822”. E no quadrinho 2: “O Brasil deixa de ser colônia de Portugal”. Tem-se aí uma informação aparentemente correta do ponto de vista de sua ocorrência histórica: a independência do Brasil em relação a Portugal na data indicada.

Essa perspectiva da ancoragem do tema tratado dialoga diretamente com a segunda perspectiva: à do arranjo de vozes sociais que desvelam posicionamentos distintos. Tal arranjo é marcado exatamente pelo uso do articulador “mas”, que introduz um ponto de vista, uma voz oposta ao que preceituam as instituições oficiais de perspectiva mais tradicional. Muito mais que uma simples pergunta retórica, o enunciado

⁸ O conceito de articulação dialógico-discursiva guarda relação estreita com a noção de *competência dialógico-discursiva*, desenvolvida em Mendes (2023), notoriamente pela atenção dada à relação entre vozes sociais na tessitura discursiva.

⁹ O *gênero do discurso*, como se pretende mostrar no esquema, aponta para a “manipulação” do tema por sujeitos (posicionados socialmente). E é nesse processo relacional que o *articulador dialógico-discursivo* emerge.

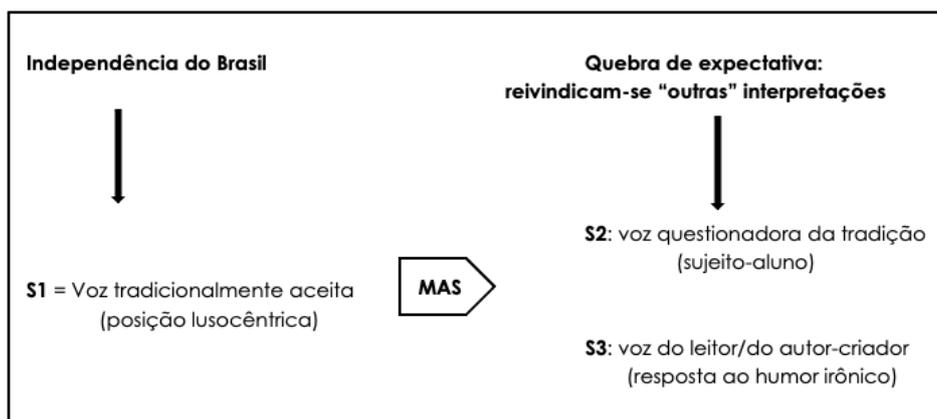
“Mas era só de Portugal?” quebra uma expectativa dada e amplamente tomada como aceitável sobre um fato histórico. Importante notar que, gradativamente, a expressão facial de Armandinho é alterada: de um sorriso surpreso, como se estivesse descobrindo algo interessante, para uma expressão de assombro, no final. Existem claramente duas vozes emergentes desse dizer no último quadrinho concorrendo para destronar a interpretação (lusocêntrica) tradicionalmente aceita, a saber:

- i) a voz questionadora da tradição colonial, que está corporificada (ganha corpo) na representação do sujeito-aluno¹⁰, problematiza um conhecimento oficial. Nesse caso, reitera-se uma ação muito comum do sujeito-personagem Armandinho nas tirinhas de seu criador, o catarinense Alexandre Beck: questionar padrões socialmente (im)postos, bem semelhante ao que faz a personagem Mafalda, do argentino Quino;
- ii) a voz do leitor (e, no plano de fundo, do autor-criador), que, *responsivamente*, “aceita” a quebra de expectativa pela inscrição de uma voz questionadora que ganha proeminência, rebaixando o discurso tradicionalmente aceito. Vale esclarecer que colocamos a voz do leitor e do autor-criador justapostas porque agem no sentido de *responderem* à quebra de expectativa proposta pelo discurso que emerge na narrativa. Ora, *para quem* se direciona uma tirinha? E *quem* a direciona? Em uma construção teórico-metodológica que leve em conta todos os atores envolvidos no jogo de vozes não é possível descartar esses dois sujeitos.

Tudo isso é *emoldurado* (para usar uma expressão bakhtiniana) no gênero tirinha em questão, terceira perspectiva que valida a articulação dialógico-discursiva, e, certamente, nós, leitores, damos uma risadinha no canto da boca. Essa ação responsiva provocada em nós (efeito humorístico) é típica desse gênero e, comumente, no último quadrinho de uma tirinha, é produzida uma reorientação valorativa (o efeito-surpresa). Vale dizer ainda que, no caso de tirinhas de cunho crítico-reflexivo, como as do personagem Armandinho, o posicionamento de vozes em embate se faz ainda mais evidente, muitas vezes, marcado textualmente. A fim de podermos vislumbrar a instauração dessa articulação, produzimos o quadro a seguir que traz esquematicamente o movimento de vozes operado pelo indiciamento do articulador “mas”:

¹⁰ Reforçamos aqui que a noção de vozes sociais, como apresentada acima e amplamente discutida em Mendes (2023), considera o plano do sujeito e do social-histórico como equipolentes, não endossando a ideia de que este último plano se sobrepõe ao primeiro. Assim, para nós, “aluno”, “jornalista”, “leitor”, “autor-criador” são *encapsulamentos* sociais, e, por isso, posicionamentos subjetivos, e não indivíduos. Ora, nessa direção, falar em “posicionamento subjetivo” é quase tautológico (redundante), já que, em nossa perspectiva, o sujeito é aquele que entrou na interação (intersubjetiva), assumindo, necessariamente, uma posição no jogo social.

Quadro 2: O articulador dialógico-discursivo "mas" no gênero tirinha



Fonte: Elaboração própria do autor

O segundo exemplo, que escolhemos para compor a apresentação do conceito, refere-se ao trecho de uma recente reportagem da *Folha de São Paulo* sobre o resultado do censo de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a respeito dos índices de alfabetização do país. De modo geral, a reportagem destaca melhoras nesses índices, mas dá destaque ao problema da alta taxa de analfabetismo entre os mais idosos. Leiamos o trecho:

IDOSOS SÃO MAIS AFETADOS

De acordo com o IBGE, não saber ler e escrever é um problema que diminuiu para as diferentes faixas etárias e que continua afetando mais os idosos. [...]

Conforme o IBGE, a situação dos mais velhos é um reflexo da "dívida educacional brasileira", marcada pelo atraso em investimentos na área de ensino. [...]

A "dívida", diz o instituto, afetou tanto a escolarização de crianças quanto programas de alfabetização de jovens e adultos que não haviam sido alfabetizados nas idades apropriadas.

"A taxa de analfabetismo não muda rapidamente. Ela é um estoque do que foi feito no passado", disse Betina Fresneda, analista do IBGE responsável pela apresentação dos dados.

Pochmann também destacou que a concentração do analfabetismo entre as pessoas mais velhas exige ações específicas do poder público.

"A população que sofre do analfabetismo é uma população envelhecida, de tal modo que é possível ter um projeto que enfrente esse problema. O país, se quiser, pode aniquilar o analfabetismo ainda nessa década, indo atrás dos grupos que são mais afetados. Os dados revelam onde estão os que mais sofrem e que deveriam ser contemplados com políticas públicas", disse o presidente do IBGE (Vieceli, 2024).

É muito comum alguns estudiosos de Bakhtin considerarem que as vozes sociais ou são concordantes ou discordantes e, muitas vezes, muitos chegam a afirmar que tais posicionamentos são mais passíveis de serem observados em textos de cunho opinativo (argumentativo). Esse é um dos motivos que nos levou a trazer para esta análise o trecho de uma reportagem, uma vez que não há prioritariamente nesse gênero um ponto de vista que demarque a opinião do jornalista, mas a exposição de um assunto investigado.

Para nós, não há discurso neutro, muito menos transparente, antes, no processo da inscrição de sujeitos, a divisão subjetiva promove, necessariamente, a emergência de posicionamentos. Por essa razão, ainda que a matéria jornalística da *Folha de S. Paulo* promova a encenação de um fato (tomado como verdade contra a qual não haveria argumentos), percebemos, de pronto, uma orientação temática que dá mais importância a um aspecto (uma visão) do tema *alfabetização*. O simples ato de dar mais atenção a um viés temático em detrimento de outros já se constitui um evidente jogo intersubjetivo.

Ora, em uma perspectiva dialógica/discursiva e, portanto, que leva em conta o jogo ideológico dos sujeitos agentes que fazem escolhas sobre o *que e como* dizer, o

subtítulo da reportagem "Idosos são mais afetados", destacado do que foi dito antes, sinaliza-nos o caminho que "devemos seguir" na leitura e na interpretação dos tais fatos. O tema do analfabetismo é, pois, (re)atualizado na voz do jornal, materializada no gênero reportagem, sob as condições de produção mostradas/orientadas pelo sujeito-instituição IBGE que materializa, para nós leitores, sua voz, seu posicionamento, especialmente ao enunciar o referente *dívida* em: "dívida educacional brasileira".

Esse referente funciona como um *encapsulador*, não apenas no sentido dado em Koch (2004a) de sumarizar um evento e redirecionar as informações no texto, mas, em especial, *introduz um ponto de vista, a inscrição de uma voz*. Expliquemo-nos: o senso comum nos diz que, em tese, uma dívida precisa ser paga, por isso, ao introduzir esse referente – *dívida* –, o sujeito (o *eu* do discurso produzido) compele o *outro* (leitores, sociedade brasileira) a, no mínimo, refletir sobre a necessidade de ação para erradicar o problema. O termo "dívida" é, por assim dizer, transferido de outro campo semântico e, metaforicamente, carrega em seus traços semânticos a ideia de que algo do passado precisa ser retratado no presente.

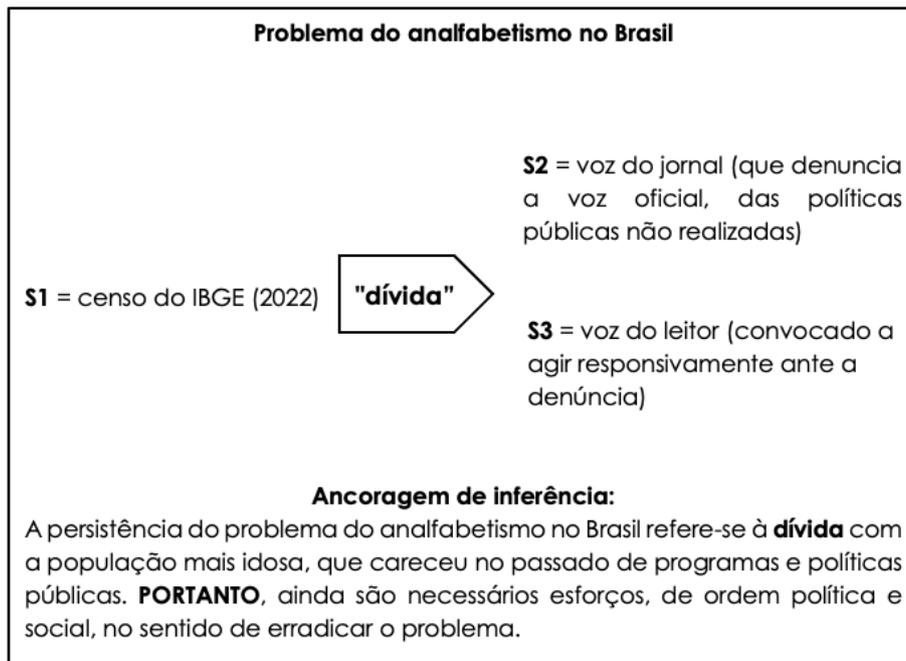
Em síntese, vemos aqui os três âmbitos da definição de articulação dialógica-discursiva imbricados e deduzíveis a partir de um "link", o termo *dívida*. Esse rótulo – encapsulamento – nos permitiu acessar o redirecionamento do *tema* do analfabetismo no país, atualizado na *voz do sujeito* (instituição IBGE). Tudo isso é atestado pelo *gênero do discurso* escolhido, a *reportagem*, para materializar o posicionamento. Perguntamo-nos: e a posição do jornal? Como não é possível admitirmos uma neutralidade, entendemos que houve, pelo jornal, uma incorporação do discurso de autoridade da instituição IBGE, reforçada pela presença de articuladores como "de acordo com" e "conforme". Essa encenação, aparentemente neutra, mas que incorpora, ainda que de modo enviesado, o discurso de *outrem*, é base da composição do discurso noticioso do jornal. É curioso notar que, logo depois que é introduzido o articulador *dívida* na fala de um representante do IBGE, o jornal, por meio de uma paráfrase¹¹, assume para si o termo, como se nota no seguinte trecho: "A 'dívida', diz o instituto, afetou tanto a escolarização de crianças quanto programas de alfabetização de jovens e adultos" (Viecele, 2024).

Desse modo, todo o jogo explicativo que vai construindo esse posicionamento presente na reportagem concorre para uma mesma conclusão, que podemos inferir, na forma de um enunciado, do seguinte modo: *ainda são necessários esforços no Brasil de ordem política e social no sentido de erradicar o analfabetismo, principalmente entre as pessoas mais velhas*.

Vejamos a seguir um esquema que sintetiza o movimento de vozes operado pelo indiciamento do articulador *dívida* na reportagem acima:

¹¹ A paráfrase, embora seja uma retomada do conteúdo de um interlocutor, é uma apropriação que um locutor faz desse mesmo conteúdo. Não se trata de cópia, mas de interpretação do dizer alheio. E, vale dizer, todo processo interpretativo é, em alguma instância, a incorporação (apropriação) pelo sujeito desse dizer interpretado.

Quadro 3: O referente (*encapsulamento*) como articulador dialógico-discursivo no gênero reportagem



Fonte: Elaboração própria do autor

4.1 A articulação de vozes na construção da ironia machadiana em “A igreja do diabo”

Ao decidirmos trazer um conto de Machado de Assis para a análise dos articuladores dialógico-discursivos, percebemos a necessidade de destacá-la dos demais textos analisados, especialmente por dois motivos. O primeiro diz respeito à própria extensão do material de análise, uma vez que estamos diante de um conto relativamente longo e, como viemos dizendo, uma análise das marcas de articulação dialógico-discursiva não pode prescindir da costura temática que atravessa *todo* o texto. O segundo refere-se ao fato de que, necessariamente, a costura temática da vasta obra machadiana, ainda que de modo geral, precisa ser pontuada quando se quer mostrar o movimento de vozes que vão tecendo o discurso ficcional desse escritor-autor.

O conto em análise, “A igreja do Diabo”, de Machado de Assis, foi veiculado originalmente em uma antologia de contos, intitulada “Histórias sem data”, de 1884. Em resumo, o conto inicia enfatizando que a narrativa a ser contada está registrada em um manuscrito beneditino, medieval, conferindo, de início, um efeito realista à narração. Prossegue revelando a ideia do Diabo em fundar uma igreja na terra e indo ao céu revelar tal ideia a Deus. O Diabo, para provar a validade de seu plano, denuncia a Deus as hipocrisias humanas, tentando provar que as tentativas de fazer o bem são aparências como capas de veludo, sob as quais ocultam-se franjas de algodão. Deus, apesar de buscar contra-argumentos, concorda que o Diabo funde sua igreja e, como um raio, desce à terra para iniciar sua construção. Com apologias à avareza, à inveja, à luxúria etc., o Diabo granjeia fiéis e rapidamente povoa sua igreja. No entanto, com o tempo, percebe que seus seguidores começam a realizar, às escondidas, pequenos atos que seriam antes considerados bons, como dar esmola a pobres. No entanto, na igreja do Diabo, bons atos eram proibidos. A partir disso, o conto caminha para o final, quando, indignado, e, por que não dizer, confuso, ele dirige-se a Deus para questionar-lhe a razão dos fatos. Deus, encerrando a história, inverte a metáfora do Diabo, em forma de

pergunta, destacando que agora as capas de algodão possuem franjas de veludo e arremata: “É a eterna contradição humana!”.

Apesar de ser um conto que mereça uma análise mais acurada dos recursos que vão tecendo a trama narrativa, para atender à finalidade deste artigo, detivemo-nos no ápice da história onde o diálogo irônico de vozes se dá e cujo trecho destacamos a seguir:

A Igreja fundara-se; a doutrina propagava-se; não havia uma região do globo que não a conhecesse, uma língua que não a traduzisse, uma raça que não a amasse. O Diabo alcançou brados de triunfo.

Um dia, porém, longos anos depois notou o Diabo que muitos dos seus fiéis, às escondidas, praticavam as antigas virtudes. Não as praticavam todas, nem integralmente, mas algumas, por partes, e, como digo, às ocultas. Certos glutões recolhiam-se a comer frugalmente três ou quatro vezes por ano, justamente em dias de preceito católico; muitos avaros davam esmolas, à noite, ou nas ruas mal povoadas; vários dilapidadores do erário restituíam-lhe pequenas quantias; os fraudulentos falavam, uma ou outra vez, com o coração nas mãos, mas com o mesmo rosto dissimulado, para fazer crer que estavam embaçando os outros.

A descoberta assombrou o Diabo (Assis, 2007, p. 189, grifos nossos)

Vejamos, então, a maneira como o jogo de vozes vai sendo formulado. Como sintetizamos logo acima, no interior da narrativa há um debate de posicionamentos dos dois principais personagens, Deus e o Diabo. Um jogo metafórico importante presente no conto catalisa a oposição de vozes: de um lado, temos a metáfora do *manto de veludo com franjas de algodão* e, de outro, a do *manto de algodão com franjas de veludo*. No início do conto, o Diabo é quem apresenta a primeira metáfora como símbolo de sua denúncia a Deus de que os fiéis deste aparentam virtude (manto de veludo), mas escondem suas mazelas (franjas de algodão). No final do conto, após a surpreendente virada da trama, como mostra acima o trecho do conto, o ponto de vista de Deus é colocado em contraposição ao que o Diabo antes havia denunciado, uma vez que agora são as capas de algodão que escondem franjas de veludo.

O indício que marca tal virada de ponto de vista é dado pelo articulador “porém” reforçado pelo marcador temporal “um dia”, destacados no trecho. Este marcador temporal introduz um tom de suspense à narrativa, abrindo caminho para o movimento operado pelo “porém”, que estabelece efetivamente a articulação dialógico-discursiva. Este articulador assinala o *rebaixamento de uma voz* (a do Diabo) e a *proeminência de outra* (a de Deus) e tal movimento, por seu turno, é atravessado pelo *empreendimento temático da narrativa*, constituído pelas contradições humanas em evidência.

Tendo isso em vista, a voz do autor-criador, através da voz do narrador-observador, nos questiona: o fato de “tudo” ser permitido/relativizado, do ponto de vista moral, significa realmente adesão da massa? A posição do narrador do conto é categórica: não, pois o homem é, por natureza, contraditório. Mais pontualmente, a voz do autor-criador¹², Machado de Assis, ecoa transversalmente à narrativa, uma vez que, em mais uma de suas narrativas, retoma a contradição “ser” versus “parecer ser”, instaurando, finalmente, a ironia refinada, própria de seu estilo. Vale dizer ainda que tudo isso está emoldurado no gênero conto alegórico, forma utilizada pelo escritor em outros contos como “Um apólogo”. De modo geral, escritor se vale desse tipo de narrativa para, a partir de um arranjo metafórico, propiciar reflexões sobre o sujeito às voltas com seus conflitos tipicamente humanos.

¹² Apropriamos de Bakhtin (2003) a noção de autor-criador como sendo aquele que está engajado no processo de realização da narrativa, em oposição ao autor-pessoa.

escrevente, apontando muito mais para direcionamentos valorativos (axiológicos) do que para uma estruturação estanque do texto, inscrevendo, portanto, singularidades.

Obviamente, o caminho na construção desse conceito é longo, já que temos percebido a importância de uma tipologia desses articuladores, por exemplo, além da necessidade de verificá-los na composição da malha textual dos mais diferentes gêneros do discurso. Ainda assim, se voltarmos à discussão inicial sobre o lugar da Linguística entre as ciências que no século XX fizeram emergir um paradigma indiciário, não seria inadequado afirmar, desde este ponto inicial das investigações realizadas neste artigo, que os articuladores dialógico-discursivos podem ser um objeto de investigação interessante no sentido de, a partir de “tão pouco”, como diz Benveniste (2005), fazer-nos acessar níveis de sentido mais profundos.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M. de. **50 contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. **Teoria do romance 1: a estilística**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Tradução do russo de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes, 2005.

COURTINE, J.-J. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. Tradução de Bacharéis em Letras da UFRGS. São Carlos: EdUFSCar, 2022.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais**. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GUIMARÃES, E. **Texto e argumentação: um estudo das conjunções do português**. Campinas: Pontes, 2002.

KOCH, I. G. V. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1992.

KOCH, I. G. V. **Introdução à Linguística Textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

KOCH, I. G. V. **A interação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2004b.

KOCH, I. G. V.; MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. **Delta**, v.14, n. esp. p. 169-190 1998. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/43402>. Acesso em: 17 maio 2024.

MENDES, L. **Vozes sociais em produções de textos (na escola): para uma competência dialógico-discursiva**. São Carlos: Pedro & João, 2023.

POSSENTI, S. **Questão para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola, 2009a.

POSSENTI, S. **Os limites do discurso**. São Paulo: Parábola, 2009b.



RENFREW, A. **Mikhail Bakhtin**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2017.

SOBRAL, A. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, B. **Bakhtin**: conceitos-chave. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2017. p. 11-36.

VIECELI, L. Brasil ainda tem 11,4 milhões que não sabem ler e escrever. **Folha de S. Paulo** [online], SP, 17 maio, 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2024/05/brasil-ainda-tem-114-milhoes-que-nao-sabem-ler-e-escrever.shtml>. Acesso em: 17 maio 2024.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Artigo recebido em: 29/05/2024

Artigo aprovado em: 01/08/2024

Artigo publicado em: 30/08/2024

COMO CITAR

MENDES, L. Os articuladores dialógico-discursivos: uma apresentação. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 13, p. 1-17, e02426, 2024.